

Economia ganha injeção de 6,1 bi e base monetária cresce 39,3%

Proer ajuda a aumentar volume do dinheiro em circulação em dezembro, diz BC

Adriana Chiarini

• BRASÍLIA. A economia recebeu uma injeção de R\$ 6,1 bilhões em dezembro, que, junto com as medidas para aliviar as restrições ao crédito, contribuiu para fazer o Natal mais feliz para o comércio. Uma das causas para o aumento do volume de dinheiro em circulação foi a liberação, em novembro, de R\$ 1,418 bilhão em financiamentos subsidiados do programa de estímulo às fusões (Proer) ao Unibanco, além dos R\$ 4,190 bilhões emprestados para a fusão do Nacional com o Unibanco, em dezembro. O dado foi divulgado ontem pelo BC junto com os demais componentes da base monetária — o volume de notas e moedas em circulação somado às reservas dos bancos no BC.

A base monetária cresceu R\$ 4 bilhões, passando de R\$ 16,743 bilhões em novembro para R\$ 20,746 bilhões no mês passado, pela média dos dias úteis. Proporcionalmente, o aumento foi de 23,9%, quase o mesmo que os 23,3% do mesmo período de 1994. Em comparação com os saldos do fim de cada mês, o crescimento foi de 39,3%: de R\$ 15,559 bilhões para R\$ 21,681 bilhões.

Os técnicos do BC se recusaram a confirmar que o Unibanco recebeu o empréstimo do Proer, o que deu margem à suspeita de que o empréstimo tenha sido dado para outro banco. O Mercantil, candidato ao Proer, ainda não foi



CHICO LOPES: o diretor de Política Econômica do BC acredita que não houve exagero na contenção do consumo

vendido ao Banco Rural, que reluta em assumir uma dívida de R\$ 160 milhões. Bandeirantes e Banorte não teriam recebido financiamentos, segundo o BC.

Em dezembro, foram liberados R\$ 614 milhões líquidos para a economia através de empréstimos de um dia do BC pela linha de redesconto, que atende aos bancos com pouco dinheiro em caixa. Foi a maior liberação líquida de recursos pelo redesconto desde julho, o mês anterior à in-

tervenção no Econômico. Segundo o BC, o volume é normal.

— O Natal faz as pessoas sacarem mais dinheiro nos bancos e normalmente as instituições recorrem mais ao BC no fim do ano — diz a chefe da divisão de finanças públicas do Departamento Econômico do BC, Stella Paiva.

De acordo com o deputado federal e ex-ministro da Fazenda Delfim Netto, o Governo exagerou no aperto monetário em 95 e, no fim do ano, quis se redimir.

— O Gustavo Loyola age como quem, depois de atropelar uma freira, diz: desculpe, pensei que fosse um pingüim — diz Delfim.

O diretor de Política Econômica do BC, Francisco Lopes, porém, afirma que não houve exagero na contenção do consumo. Lopes acredita que a explosão da base monetária não terá consequências inflacionárias, porque ficou dentro da previsão do Governo de atingir, no máximo, R\$ 23 bilhões. ■

Gustavo Miranda